

## AULA EXTERNA COMO UMA METODOLOGIA ATIVA NO IFRN CAMPUS CANGUARETAMA/RN

Fellipe José Silva Ferreira <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar o tema aula externa como prática da educação não-formal e uma metodologia ativa surgiu a partir de um conjunto amplo de experiências pessoais e profissionais. Lembro que, desde o ensino fundamental, a aula de campo era um evento, que estimulava a excitação. Não era ir para a escola, neste momento poderíamos “aprender fora da sala de aula”, viajar e descobrir um local diferente da realidade cotidiana. Durante a graduação em Turismo, os “meus” professores realizaram um conjunto de aulas externas de caráter interdisciplinar, visitamos diferentes destinos turísticos brasileiros. Um fator motivador foi incentivar a iniciação científica par aos alunos do nível médio técnico integrado. Destarte, as experiências e formações potencializaram os seguintes questionamentos: como as aulas externas são entendidas pelas correntes teóricas da educação não-formal? Como as aulas externas são regulamentas no IFRN? É possível aprimorar o processo de ensino-aprendizado por meio de aulas externas no IFRN? O objeto de estudo desta pesquisa são as aulas externas realizadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)<sup>2</sup>. Em matéria publicada no site do IFRN (2018), a instituição promoveu as aulas externas e atividades externas implementadas pelos docentes lotados no Campus Canguaretama no ano de 2017 como inovações pedagógicas. Estas potencializariam o aprendizado através do diálogo entre conteúdos de disciplinas e a aplicação prática das teorias.

[...]Além de ser o encontro entre conhecimentos teóricos e práticos, essas atividades externas se apresentam como uma inovação que amplia os conceitos absorvidos em sala de aula e projeta novos horizontes de saberes profissionais e pessoais. Nesse sentido, através de visitas a museus, centros de tecnologia, zoológico, comunidades indígenas e quilombolas, assentamentos, centros de turismo e negócios, os alunos têm a oportunidade de vivenciar a interdisciplinaridade, visto que podem relacionar várias disciplinas que estão sendo estudadas em determinado período (IFRN, 2018).

---

<sup>1</sup> Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. [fellipe.ferreira@ifrn.edu.br](mailto:fellipe.ferreira@ifrn.edu.br)

<sup>2</sup> Este é um projeto de pesquisa contemplado no Edital nº 22/2023 - PROPI/RE/IFRN - PIBIC-EM/CNPq.

A matéria publicada no site do IFRN (2018) destaca que os principais impactos das aulas de campo são: 1) Ampliação dos horizontes: o convívio com diversas realidades; 2) A interdisciplinaridade além da sala de aula; e 3) Integração político-pedagógica e compreensão da pluralidade cultural. Conforme a observação da realidade, percebe-se que estas aulas externas podem ser consideradas práticas pedagógicas não tradicionais, ou seja, inovações na área de ensino. Pode-se dizer que as aulas de campo são eventos realizados fora da sala de aula com potenciais interdisciplinares, lúdicos e capazes de despertar o interesse dos alunos. Esta seriam capazes de ampliar os horizontes de saberes profissionais e pessoais dos alunos, potencializando o processo de ensino-aprendizado dos conteúdos ministrados em sala de aula e a aplicação dos conteúdos teóricos na prática.

Nesta investigação, recorreu-se a uma pesquisa qualitativa (em decorrência da natureza dos dados), do tipo exploratória (segundo os objetivos da investigação e nível de aprofundamento), do tipo bibliográfica e documental (de acordo com o procedimento de coleta de dados e as fontes de dados).

## **METODOLOGIA**

A metodologia do resumo expandido deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens. A fim de identificar as correntes de pensamento sobre as aulas externas, as diretrizes que as subsidiam e o seu fluxo administrativo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) Campus Canguaretama, recorreu-se a uma pesquisa qualitativa (em decorrência da natureza dos dados), do tipo exploratória (segundo os objetivos da investigação e nível de aprofundamento), do tipo bibliográfica e documental (de acordo com o procedimento de coleta de dados e as fontes de dados). Segundo Menga (1986, p.18 *apud* Marconi; Lakatos, 2011, p.271), o estudo qualitativo “é o que se desenvolve numa situação natural; é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivos de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominada “pesquisa de base”,

pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema (Gonçalves, 2011, p.36).

As pesquisas exploratórias, de acordo com Gil (2008, p.46), têm a finalidade de:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (Gil, 2008,p.46).

A pesquisa exploratória demanda uma pesquisa bibliográfica e documental a fim de fundamentar ou apresentar uma visão geral sobre um determinado tema estudado. A pesquisa bibliográfica, segundo Gonsalves (2011, p.36), caracteriza-se pela “identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa”. Esta autora (2011) indica que este tipo de pesquisa se qualifica pela utilização de fontes secundárias. Ainda de acordo com Gonsalves (2011, p.34), as fontes primárias são entendidas como “os dados originais, produzidos pelas próprias pessoas que os coletaram. Esse tipo de fonte é caracterizada pela relação direta com os fatos a serem analisados [...]”. Por outro lado, a autora (2011, p.35) indica que as fontes secundárias são definidas como “àqueles “dados de segunda mão”. Neste caso não se tem uma relação direta com o acontecimento registrado, mas, sim, com o conhecimento de elementos ou de sujeitos mediadores”.

Na pesquisa documental, as fontes utilizadas foram os regulamentos internos do IFRN, as portarias, os manuais, as notas técnicas, notícias no site institucional dentre outros. E, na pesquisa bibliográfica, os dados serão coletados em livros, dissertações, teses e artigos científicos sobre o tema.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A literatura classifica em três as diferentes formas de educação: a formal, a informal e a não-formal. Bianconi e Caruso (2005) diferenciam estas três formas:

A educação formal pode ser resumida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado, e a informal como aquela na qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos, através de experiência diária em casa, no trabalho e no lazer. A educação não-formal, porém, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino (Bianconi, Caruso, 2005, p.20).

Percebe-se que a educação não-formal deve fundamentar-se em uma prática pedagógica organizada e sistemática, desenvolvidas fora do sistema formal de ensino. Observa-se que a aula externa não é uma prática aleatória e amadora. Neste tipo de atividade extra-classe, o docente deverá planejar a interação entre os conteúdos curriculares, o local a ser visitado e identificar as atividades ou experiências a serem desenvolvidas/observadas no local a ser visitado/conhecido.

Por meio da Pedagogia Social, Gohn (2006) diferencia as três formas de educação:

Quando tratamos da educação não-formal, a comparação com a educação formal é quase que automática. O termo não-formal também é usado por alguns investigadores como sinônimo de informal. Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos. A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (Gohn, 2006, 2-3).

Nesta diferenciação identificam-se alguns elementos de convergência, e outros que divergem das ideias apresentadas por Bianconi e Caruso (2005). Consta-se que a Gohn (2006) amplia a definição da educação não-formal para além do processo de ensino-aprendizado institucionalizado implementado fora da sala de aula. A autora (2006) inclui o aprendizado “no mundo da vida”, ou seja, o aprendizado não-institucionalizado e compartilhado em ações coletivas do cotidiano, desenvolvido em espaços não-escolares. Neste sentido, a educação não-formal não apresentaria os conteúdos previamente demarcados, pedagogicamente organizados e sistematizados citados por Bianconi e Caruso (2005). Nesta pesquisa, à princípio, as expressões “aula externa” e “aula de campo” serão utilizadas como sinônimos. Considera-se que ambas significam as práticas pedagógicas desenvolvidas em um local diferente da sala de aula, que exigem o deslocamento dos alunos sob a supervisão/orientação de um professor/monitor. O termo “atividades externas” não será utilizado nesta investigação, porque a palavra atividade induz aspecto amplo de ações que podem confundir o leitor. As aulas de campo, tanto no formato de viagem de estudo que investigamos neste trabalho como em outros formatos, têm em comum o deslocamento dos alunos e do professor/monitor para um local diferente da sala de aula: um ambiente alheio aos espaços de estudo da escola (Fernandes, 2007).

De acordo com Fernandes (2007), a aula de campo pode abranger desde uma viagem até o uso de uma estrutura própria da escola (como um jardim). Percebe-se que, segundo a abordagem deste autor (2007), que o principal elemento da aula externa é o deslocamento para um lugar diferente da sala de aula. Pode-se considerar que o termo “estudo do meio” é uma outra forma de nomear as aulas externas ou aulas de campo. Fernandes (2007) observa que o termo “estudo do meio” provavelmente surgiu na França do pós-guerra, no Liceu de Sèvres, onde era chamado, de acordo com Tamberlini (1998 apud Fernandes, 2007, p. 33), de estudo do meio do meio humano e natural, “e possibilitava que a criança adquirisse noção de espaço e de tempo, permitindo que ela se situasse na sociedade a que pertencia”.

A educação não-formal não substitui a educação formal, a primeira pode aperfeiçoar e complementar o processo de ensino-aprendizado. Bianconi e Caruso (2005) indicam que as aulas externas são entendidas como recursos pedagógicos complementares. Nesta pesquisa, considera-se a aula externa (ou visita de campo) como uma prática pedagógica executada em espaços não-formais de educação, que compartilha elementos próprios das metodologias ativas. Entende-se que as metodologias ativas representam novas oportunidades de relacionamento entre aluno e professor, facilitando o processo de ensino e aprendizado. Focada no aprendizado do aluno, estas metodologias tendem a promover o engajamento, a participação e a autonomia dos alunos (Ferreira, Morosini, 2019).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados esperados nesta pesquisa alcançados foram: 1. A construção de produção científica sobre as correntes teóricas sobre as aulas externas; 2. A identificação dos documentos institucionais que fundamentam as aulas externas no IFRN; 3. O mapeamento do trâmite processual de uma aula externa no IFRN; 4. A construção de um fluxograma do procedimento administrativo para a aprovação de uma aula de campo; 5. A divulgação dos resultados para a comunidade acadêmica no formato de um pôster e/ou evento científico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que esta pesquisa alcançou o seu objetivo, gerou conhecimento sobre o processo de elaboração e gestão de aulas externas no IFRN. Esta pesquisa ajudou a esclarecer dúvidas sobre o assunto e poderá auxiliar no aprimoramento de procedimentos internos. A principal ideia é apresentar os resultados desta pesquisa e rever os procedimentos internos ineficientes no âmbito do IFRN.

**Palavras-chave:** Aula de campo; gestão de processos, educação não formal.

## REFERÊNCIAS

ALÉM dos muros da escola: a importância das aulas de campo e atividades externas enquanto inovação pedagógica. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) - Reitoria**, Rio Grande do Norte, 05 de jan. de 2018. Disponível em: <<https://portal.ifrn.edu.br/campus/canguaretama/noticias/alem-dos-muros-da-escola-a-importancia-das-aulas-de-campo-e-atividades-externas-enquanto-inovacao-pedagogica/>>. Acesso em: 26 de jul. de 2023.

BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. Educação não-formal. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 57, n. 4, p. 20, Dec. 2005 . Available from <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000400013&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400013&lng=en&nrm=iso)>. access on 23 June 2023.

FERNANDES, J. A. B. **Você vê essa adaptação? A aula de campo em ciências entre o retórico e o empírico**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.48.2007.tde-14062007-165841. Acesso em: 2023-06-22.

FERREIRA, R.; MOROSINI, M. **Metodologias ativas: as evidências da formação continuada de docentes no ensino superior**. Revista Docência do Ensino Superior, Belo Horizonte, v. 9, p. 1–19, 2019. DOI: 10.35699/2237-5864.2019.2543. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2543>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Available from: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=abn)>. Access on: 23 June. 2023.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. Campinas: Alinea, 2001. 80 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.